

FILMAR A CAMINHADA: A ROMARIA COMO VEREDA DE SABERES ETNOMATEMÁTICOS

169

**Filming the journey: the pilgrimage as a pathway of
ethnomathematical knowledge**

**Filmar la caminata: la romería como sendero de saberes
etnomatemáticos**

Danyella Cristina Machado Teixeira

Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás, Brasil
E-mail: danyella@aluno.ueg.br

Georgia Cynara Coelho de Souza

Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás, Brasil
E-mail: georgia.cynara@ueg.br

Rafael de Almeida

Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás, Brasil
E-mail: rafaeldealmeida@ueg.br

RESUMO

Este artigo sugere a produção de um documentário para registrar o percurso da romaria da Comunidade do Cachimbo, em Posse - GO, destacando a presença da matemática nas práticas dos romeiros durante a caminhada da fé até a Festa do Divino Pai Eterno. A caminhada é analisada sob a perspectiva da Etnomatemática, desbravando saberes que emergem na organização do trajeto, nos pontos de parada, no controle do tempo, no número de participantes e nas interações sociais presentes no ponto final do percurso. A proposta prevê a utilização de procedimentos metodológicos como filmagens, entrevistas com os participantes e registros cartográficos do trajeto, que serão posteriormente analisados qualitativamente à luz da Etnomatemática. Pretende-se também explorar a cartografia (mapas e representações espaciais) como recurso pedagógico, de modo a incorporar práticas da romaria ao ensino formal de matemática. O estudo visa valorizar os conhecimentos locais por meio das mídias audiovisuais e propõe sua integração ao currículo escolar, promovendo uma aprendizagem conectada à cultura e à realidade dos estudantes.

Palavras-chave: Romaria; Etnomatemática; Comunidade do Cachimbo; Cerrado.

ABSTRACT

This article suggests the production of a documentary to record the pilgrimage of the Cachimbo Community, in Posse - GO, highlighting the presence of mathematics in the practices of the pilgrims during their journey of faith to the Feast of the Divine Eternal Father. The walk is analyzed from the perspective of Ethnomathematics, unveiling knowledge that emerges in the organization of the route, at the stopping points, in time management, in the number of participants, and in the social interactions present at the final destination. The proposal foresees the use of methodological procedures such

as filming, interviews with participants, and cartographic records of the route, which will later be qualitatively analyzed in the light of Ethnomathematics. It also intends to explore cartography (maps and spatial representations) as a pedagogical resource, in order to incorporate pilgrimage practices into formal mathematics education. The study aims to value local knowledge through audiovisual media and proposes its integration into the school curriculum, promoting learning connected to the students' culture and reality.

Keywords: Pilgrimage; Ethnomathematics; Cachimbo Community; Cerrado.

RESUMEN

Este artículo sugiere la producción de un documental para registrar el recorrido de la romería de la Comunidad del Cachimbo, en Posse-GO, destacando la presencia de las matemáticas en las prácticas de los romeros durante la caminata de fe hasta la Fiesta del Divino Padre Eterno. La caminata se analiza desde la perspectiva de la Etnomatemática, explorando los saberes que emergen en la organización del trayecto, en los puntos de parada, en el control del tiempo, en el número de participantes y en las interacciones sociales presentes en el punto final del recorrido. La propuesta prevé la utilización de procedimientos metodológicos como filmaciones, entrevistas con los participantes y registros cartográficos del trayecto, que posteriormente serán analizados cualitativamente a la luz de la Etnomatemática. También se pretende explorar la cartografía (mapas y representaciones espaciales) como recurso pedagógico, con el fin de incorporar prácticas de la romería a la enseñanza formal de las matemáticas. El estudio busca valorar los conocimientos locales a través de los medios audiovisuales y propone su integración al currículo escolar, promoviendo un aprendizaje conectado con la cultura y la realidad de los estudiantes.

Palabras clave: Romería; Etnomatemática; Comunidad del Cachimbo; Cerrado.

INTRODUÇÃO

As manifestações religiosas populares, como as romarias, desempenham um papel fundamental na vida social de diversas comunidades brasileiras, especialmente em regiões como o Cerrado. Essas práticas culturais são mais do que simples rituais de fé, elas configuram espaços ricos de convivência, transmissão de saberes e fortalecimento das identidades locais. Além disso, a cultura local presente nessas manifestações tem um papel essencial na construção de aprendizagem, oferecendo contextos que dialogam com o cotidiano dos participantes. Reconhecer a importância dessas expressões culturais é fundamental para promover uma educação que valorize e integre os saberes tradicionais às práticas formais de ensino (Fernandes, 2024).

A Festa do Divino Pai Eterno na Comunidade do Cachimbo, localizada no município de Posse - GO, é uma celebração tradicional que já atravessa 46 anos de história e devoção. Contudo, foi há cerca de cinco anos que a romaria passou a integrar esse evento religioso, a partir da sensibilidade de um pároco local que identificou na rota até o santuário, um caminho de fé e de expressão comunitária. A iniciativa, que começou como um gesto simples de amor e valorização da festa, rapidamente se consolidou como um novo símbolo de espiritualidade para os fiéis. A romaria, ainda recente, vem ganhando importância por proporcionar um reencontro com as raízes religiosas e culturais da região, promovendo a união entre gerações e reforçando a identidade local por meio da caminhada coletiva e da partilha de experiências de fé. Essas informações foram obtidas por meio de vivência direta durante as celebrações e de relatos orais de moradores da própria comunidade.

Há uma presença significativa da matemática no percurso da romaria, mesmo que os romeiros não se deem conta disso. Elementos como medição da distância percorrida, o tempo gasto na caminhada, o ritmo do grupo, os pontos de parada e até mesmo a organização dos alimentos e da logística envolvem conceitos matemáticos. Há ainda noção de geometria nas rotas traçadas, proporcionalidade na divisão de recursos e estatísticas implícitas na contagem de participantes e estimativas de consumo.

Essa matemática vivida e não percebida é um exemplo claro do que a Etnomatemática propõe, reconhecer os saberes construídos no cotidiano e valorizá-los como parte legítima do conhecimento matemático (Reis, 2010). Ao observar a romaria com esse olhar, é possível perceber que a caminhada vai além da espiritualidade, ela também revela formas autênticas e culturais de pensar e aplicar a matemática na vida real. Nesse sentido, este estudo se orienta a partir da seguinte questão: como os saberes etnomatemáticos presentes na romaria da Comunidade do Cachimbo podem ser reconhecidos, registrados e reinterpretados por meio da linguagem audiovisual, de modo a contribuir para práticas pedagógicas no ensino de matemática? A formulação

desse problema permite articular cultura, território e educação, situando o documentário não apenas como registro, mas como estratégia de produção de conhecimento.

Para compreender as práticas matemáticas presentes na romaria, faz-se necessário lançar um olhar mais interdisciplinar e contextualizado, o que é proporcionado pela Etnomatemática. Proposto por Ubiratan D'Ambrósio¹, esse campo de estudo busca valorizar os saberes e fazeres das comunidades, reconhecendo que diferentes culturas desenvolvem maneiras próprias de pensar e aplicar a matemática no cotidiano (D'Ambrósio, 2021). Nesse sentido, a romaria da Comunidade do Cachimbo pode ser compreendida como um espaço rico em experiências matemáticas, muitas vezes invisíveis aos olhos tradicionais, mas que envolvem noções de tempo, distância, estimativa, organização espacial e até planejamento coletivo.

A cartografia e as mídias audiovisuais desempenham um papel essencial no registro e na valorização dos saberes populares presentes em manifestações como a romaria da Comunidade do Cachimbo. Por meio de mapas, registros fotográficos, vídeos e entrevistas, é possível documentar trajetos, práticas e sentimentos que envolvem essa experiência coletiva. Essas ferramentas contribuem não apenas para preservar a memória cultural da comunidade, mas também para ampliar a visibilidade dessas manifestações, promovendo o reconhecimento de saberes tradicionais como parte importante do patrimônio imaterial local (Rocha, 2004). Nesse contexto, o audiovisual não é compreendido apenas como ferramenta de registro, mas como uma forma de construção de conhecimento, capaz de produzir leituras sensíveis e críticas sobre as práticas culturais. Ao transformar experiências em narrativa, o documentário contribui para a elaboração de uma imagem do território,

¹Ubiratan D'Ambrosio (1932 – 2021) Foi um matemático e educador brasileiro reconhecido internacionalmente como idealizador da Etnomatemática, campo que investiga as relações entre a matemática e a cultura, valorizando os saberes construídos no cotidiano e em diferentes tradições. Autor de obras como *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade (Autêntica, 2021)*, defendeu que o ensino da matemática deve partir de contextos culturais para promover inclusão, respeitando à diversidade e o diálogo entre saberes.

ampliando a visibilidade de manifestações que, muitas vezes, permanecem à margem dos circuitos hegemônicos de representação.

No entanto, problematiza-se: por que registrar em documentário a romaria da Comunidade do Cachimbo é relevante para a Educação Matemática e para os Estudos de Cinema Documentário? A pertinência dessa proposta está em revelar como práticas cotidianas dos romeiros ao organizar trajetos, medir distâncias, distribuir recursos ou marcar o tempo mobilizam saberes matemáticos que geralmente não são valorizados pela escola. Do ponto de vista do cinema, o documentário torna-se um recurso estético e crítico capaz de dar visibilidade a práticas culturais pouco exploradas, rompendo com a lógica de narrativas fragmentadas e propondo uma abordagem sensível, poética e educativa.

Diante da riqueza cultural e dos saberes presentes na romaria da Comunidade do Cachimbo, este artigo propõe a produção de um documentário como estratégia pedagógica para integrar esses conhecimentos ao ensino formal da matemática na escola Municipal Carlos Bispo Alves, localizada no próprio povoado. A ideia é que os estudantes, ao participarem da construção desse material audiovisual, possam reconhecer e valorizar as práticas de sua comunidade, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades matemáticas de forma contextualizada.

Através dessa proposta, busca-se promover uma aprendizagem mais significativa, conectando conteúdos escolares à realidade dos alunos, a partir de uma perspectiva interdisciplinar e culturalmente sensível (Thiesen, 2008). Cabe destacar, entretanto, que desconhecemos a existência de outras pesquisas que relacionam diretamente etnomatemática, cartografia e linguagens audiovisuais em romarias populares. Essa lacuna justifica a relevância da proposta, pois ao unir esses três campos, o estudo amplia tanto as discussões em Educação Matemática quanto às possibilidades de inovação nos Estudos de Cinema/Documentário, apontando caminhos para práticas mais contextualizadas e interdisciplinares.

Ao reconhecer a presença da matemática em práticas culturais como a romaria da Comunidade do Cachimbo, ampliamos a compreensão de que o conhecimento matemático não se restringe ao ambiente escolar, a proposta de utilizar a Etnomatemática como lente de análise, aliada à cartografia e aos recursos audiovisuais, permite valorizar os saberes tradicionais e promover uma educação mais inclusiva, significativa e conectada à realidade dos alunos. A produção de um documentário, nesse contexto, não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas também um ato de resistência e valorização cultural, reafirmando a importância de integrar os saberes locais ao currículo escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Etnomatemática

A Etnomatemática é um campo interdisciplinar que investiga as práticas matemáticas presentes em diferentes grupos culturais, valorizando saberes locais e tradições como formas legítimas de conhecimento. O conceito foi desenvolvido principalmente pelo matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrósio, que ressaltou a importância de reconhecer que a matemática não é única e universal, mas múltipla, dependente do contexto cultural e histórico em que se desenvolve (D'Ambrósio, 2021). Nesse sentido, a Etnomatemática amplia o olhar para além da matemática escolar formal, incorporando práticas cotidianas, artesanais, regionais e sociais como manifestações legítimas desse saber.

Etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos (D' AMBRÓSIO, 2021 p. 09).

Essa definição pode ser claramente observada na Romaria da Comunidade do Cachimbo, na qual os romeiros constituem um grupo cultural que compartilha práticas, tradições e objetivos coletivos. Durante a caminhada, emergem manifestações matemáticas como a organização do trajeto (planejamento,

divisão de tarefas e noções de medida e distância), o cálculo do tempo de deslocamento e descanso (gestão do ritmo coletivo), a partilha de alimentos e recursos (proporções, contagem e distribuição) e a confecção de símbolos religiosos e estruturas de apoio (formas, simetrias e técnicas construtivas).

Compreendida sob a ótica da Etnomatemática, a Romaria se configura como um espaço no qual práticas culturais mobilizam raciocínios matemáticos contextualizados. Reconhecer tais práticas não significa escolarizar a experiência religiosa, mas valorizá-la como fonte de conhecimento culturalmente situado, que pode dialogar com a Educação Matemática sem perder sua dimensão simbólica e comunitária.

O uso do documentário como ferramenta pedagógica fortalece essa perspectiva ao aproximar a matemática da realidade dos estudantes, evidenciando saberes que muitas vezes passam despercebidos no cotidiano (Castro, 2021). Ao registrar práticas culturais como a Romaria, torna-se possível revelar como a matemática está presente em diversas ações, desde a contagem de passos e o planejamento da rota até a gestão do tempo, do espaço e dos recursos. Dessa forma, o documentário não apenas valoriza os conhecimentos populares, mas também cria pontes entre o conteúdo escolar e a vida social.

Essa abordagem amplia o entendimento de que a matemática não se restringe ao ambiente escolar, mas se manifesta em diferentes práticas sociais e culturais. Ela contribui para evidenciar que o conhecimento matemático pode ser produzido, transmitido e ressignificado em contextos de fé, trabalho e convivência comunitária. Além disso, permite ao ensino de matemática tornar-se mais significativo, inclusivo e conectado à realidade dos estudantes.

Embora algumas práticas observadas na Romaria da Comunidade do Cachimbo sejam recentes, elas podem ser reconhecidas como manifestações etnomatemáticas, pois refletem a organização e a lógica interna do grupo em ações coletivas, como planejamento do trajeto, divisão de tarefas e partilha de recursos. Essa perspectiva evidencia que a etnomatemática não depende da

tradição antiga, mas da presença de saberes matemáticos situados culturalmente, valorizando o conhecimento produzido e vivido pelos participantes.

Cinema documentário

O documentário é um gênero audiovisual que busca representar a realidade a partir de registros concretos, articulando informação, narrativa e estética. Segundo Rabiger (2012), ele não se limita a uma reprodução neutra dos fatos, mas envolve escolhas conscientes de enquadramento, narrativa e montagem, construindo sentido a partir da interpretação do real. Puccini (2009) ressalta que, assim como na ficção, a construção de um documentário demanda estrutura narrativa e planejamento, permitindo que elementos simbólicos, culturais e sociais sejam evidenciados de forma sensível e significativa. Nesse contexto, o documentário pode ser compreendido não apenas como registro, mas como uma ferramenta de mediação entre o conhecimento e a experiência vivida pelos sujeitos filmados.

John Grierson, pai do gênero documentário definiu o documentário como um "tratamento criativo da realidade". Ele quis dizer que, se você usar sua criatividade para organizar e transformar fragmentos da realidade gravada em uma narrativa, você então produzirá um documentário, mas isso abrange todas as formas de não ficção (como filmes sobre natureza, ciências, narrativas de viagem, industriais, educacionais, sociais e até mesmo filmes promocionais baseados em fatos). Hoje, certos valores e questões específicos parecem distinguir o documentário dos seus irmãos não ficcionais (RABIGER, 2012 p. 12).

Esse trecho de Rabiger (2012) destaca uma visão fundamental sobre o documentário, baseada na definição de John Grierson como "tratamento criativo da realidade". O comentário central é que o documentário não se limita a registrar fatos de forma objetiva, ele envolve a seleção, organização e interpretação criativa de eventos reais para construir uma narrativa com significado. Além disso, embora existam várias formas de produção não ficcional, como filmes científicos, educativos ou promocionais, o documentário se diferencia por certos valores e questões específicas, como o enfoque crítico,

social ou ético, que orientam a narrativa e a relação com o público. Em outras palavras, o documentário é tanto uma representação da realidade quanto uma expressão artística e reflexiva do mundo real. Ou seja, o documentário pode ser compreendido como linguagem que interpreta o real a partir de escolhas estéticas, éticas e narrativas. Ao organizar imagens, tempos e vozes, o filme produz sentidos e opera como dispositivo de pensamento.

A proposta da produção de um documentário sobre a Romaria também pode se desdobrar em ações educativas interdisciplinares, como oficinas de vídeo, projetos escolares e atividades conjuntas com outras áreas do conhecimento. A matemática, nesse contexto, dialoga com a geografia (trajetos e mapas), a história (origem da tradição), a religião (significado simbólico) e a língua portuguesa (roteiros e entrevistas). Essas conexões ampliam o olhar dos estudantes e promovem uma aprendizagem contextualizada e sensível à diversidade cultural presente em suas vivências.

Epistemologia decolonial e saberes que contam

No contexto da epistemologia decolonial, em média a valorização dos chamados “saberes que contam” saberes orais, populares, empíricos e ancestrais que muitas vezes foram marginalizados pelo conhecimento científico tradicional. Esses saberes são construídos no cotidiano das comunidades, transmitidas de geração em geração por meio da oralidade, experiência prática e da convivência com o território. Mais do que informações úteis, são formas legítimas de interpretar o mundo e de agir sobre ele (Santos, 2024).

Para que esses saberes sejam reconhecidos e valorizados, é fundamental romper com a hegemonia da epistemologia eurocêntrica, que historicamente desqualifica os conhecimentos produzidos fora dos centros de poderes e saberes do Ocidental (Santos, 2024). Valorizar os conhecimentos da comunidade, suas histórias, crenças, práticas e modos de vida, é uma forma de resgatar identidades, promover justiça cognitiva e construir uma educação

mais inclusiva e plural. Trata-se de abrir espaço para outras vozes e perspectivas que também produzem conhecimento legítimo e relevante.

Nesse sentido, o pensamento de Boaventura de Sousa Santos² (2024) é fundamental. Ao propor a “Epistemologia do Sul³”, o autor defende a ampliação do conceito de conhecimento para incluir as formas de saber produzidas pelos povos historicamente silenciados. Para ele, é preciso promover uma “ecologia de saberes”, em que diferentes formas de conhecimento coexistem e dialoguem em pé de igualdade. A valorização dos saberes do sul global, como os das comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas e camponesas, é um passo essencial rumo à descolonização das práticas educativas.

Esse saber se manifesta de forma rica e diversa nas práticas do cotidiano, como no preparo de alimentos com ingredientes da Terra, no uso de plantas medicinais, nos calendários agrícolas baseados nos ciclos lunares e nas tradições orais que transmitem valores, histórias e crenças (D’Ambrósio, 2021).

Na Romaria, por exemplo, é possível identificar a prática como o uso de rezas, promessas e cantos, que carregam significados profundos para os devotos e refletem formas próprias de se relacionar com o sagrado, com a natureza e com a comunidade. São expressões de uma sabedoria coletiva que resiste, se reinventa e continua a ensinar. Esse registro de saberes e memórias coletivas dialoga com a reflexão de Rabiger (2012), que aponta o documentário como uma forma de capturar a realidade a partir de escolhas conscientes de enquadramento e narrativa, revelando vozes e experiências frequentemente ignoradas. Para Nichols (2010), o cinema documental atua como mediador da oralidade e da memória, preservando tradições e práticas culturais por meio de

²Boaventura de Sousa Santos é um sociólogo português, referência internacional em estudos sobre sociologia do conhecimento, epistemologias do Sul e crítica ao colonialismo epistemológico. Seu trabalho destaca a importância de reconhecer e valorizar saberes marginalizados para construir uma sociedade mais justa e plural.

³Epistemologia do Sul é um conceito de Boaventura de Sousa Santos que valoriza saberes de povos marginalizados, defendendo o diálogo igualitário entre diferentes formas de conhecimento, como forma de combater o eurocentrismo e promover a descolonização do saber.

seus registros audiovisuais. Assim, a Romaria não é apenas um evento religioso, mas também um espaço de transmissão de conhecimentos, histórias e valores, que o documentário pode captar e tornar acessível para outros públicos.

METODOLOGIA

Para a realização do documentário, propõe-se a utilização de métodos qualitativos, baseados em registros audiovisuais durante a romaria. As filmagens poderão incluir: entrevistas com romeiros, devotos, comerciantes e membros da organização, captação de imagens e sons de momentos significativos do evento, como montagem de barracas, distribuição de alimentos e organização das caminhadas e observações do uso de noções matemáticas implícitas nas práticas cotidianas, como contagem de dias, cálculo de distâncias percorridas e distribuição de recursos.

A estrutura narrativa poderá ser construída a partir de relatos de fé, trajetórias pessoais e coletivas, mesclados com comentários e observações que evidenciem a presença da matemática em contextos práticos, afetivos e simbólicos. A edição do material deverá valorizar o aspecto sensível e humano das vivências, sem perder de vista o enfoque nos saberes matemáticos. O tratamento analítico das imagens poderá ser realizado por meio de categorias da etnomatemática, permitindo identificar como práticas coletivas incorporam conceitos matemáticos no cotidiano. Além disso, os registros audiovisuais poderão ser interpretados a partir das abordagens do cinema documental, considerando narrativa, enquadramento e oralidade, de modo a preservar e dar visibilidade às memórias, saberes e experiências dos participantes.

A análise dos dados deverá focar na identificação e interpretação das práticas matemáticas e cartográficas que emergem durante a caminhada. Isso inclui não apenas elementos quantitativos ou geométricos, mas também saberes relacionados à orientação espacial, construção de trajetos, contagem simbólica

e à lógica das relações sociais estruturadas ao longo do percurso. O objetivo é evidenciar como a matemática, quando contextualizada e vinculada à realidade cultural dos sujeitos, pode ser ressignificada como ferramenta viva de organização do mundo, aproximando a escola da vida e contribuindo para um ensino mais inclusivo, afetivo e significativo.

A proposta deste trabalho é sugerir a criação de um documentário baseado nos percursos, experiências e saberes presentes na romaria, compreendida aqui como uma vereda de saberes etnomatemáticos. O objetivo é oferecer subsídios metodológicos que inspirem e orientem quem deseje desenvolver um documentário a partir dos referenciais discutidos, especialmente aqueles que valorizam a intersecção entre cultura popular, religiosidade, território e práticas matemáticas vividas. Portanto, a articulação entre etnomatemática e audiovisual configura uma prática decolonial, ao reconhecer saberes historicamente marginalizados e ampliar suas formas de visibilidade.

Passos para criar o documentário

A produção de documentários, especialmente em contextos de investigação cultural e social, exige mais do que simples registros de imagem e entrevistas. Segundo Comolli (2008), os filmes documentários não apenas se abrem para o mundo, mas são atravessados por ele, carregando em sua construção o risco do real e a constante interação com as contingências do processo. Essa perspectiva afasta a ideia de um produto meramente ilustrativo e aproxima o documentário de uma narrativa poética e sensível, em que a estrutura dramática é fundamental para a sua dimensão artística.

Guzmán (2017), reflete que muitas obras apresentam sequências justapostas, comparáveis a um trem com vagões desconectados entre si, sem o devido desenvolvimento narrativo. Para o autor, um documentário relevante precisa carregar uma história latente, mesmo que microscópica ou apenas

insinuada, ou apenas insinuada, pois é essa dimensão que confere sentido e impacto à obra.

Ela, porém, não é nada. Não tem dimensão artística. É uma peça fabricada com base em unidades separadas, sem um desenvolvimento interno. Não possui estrutura dramática. Tem a forma de um trem. Na frente está a locomotiva, depois vêm os vagões de primeira classe, os vagões de segunda etc. Uma grande maioria de documentários que vemos diariamente na televisão são trens (GUZMÁN, 2017, p. 30).

Puccini (2007) e Rabiger (2011) reforçam que, assim como na ficção, a construção de um documentário demanda escolhas estruturais conscientes, começo, meio e fim, e que a divisão em três atos continua sendo uma ferramenta valiosa para organizar o enredo: apresentação do cenário e personagens, desenvolvimento com aumento de conflitos e *clímax* seguido de resolução, que nem sempre é um final feliz.

A criação de um documentário ultrapassa a simples organização de imagens e depoimentos, exigindo uma concepção sensível e estratégica do projeto desde o início. Um dos primeiros elementos é a *logline*, um pequeno núcleo dramático que condensa o espírito do documentário. Essa formulação precisa conter uma espécie de fábula latente, mesmo que quase invisível, como se carregasse uma história insinuada e aberta ao imprevisto, sem a rigidez de um roteiro convencional (Guzmán, 2017).

A partir da *logline*, constrói-se a sinopse, que não apenas classifica o tipo de documentário, se de arquivo, de autor, reportagem, biográfico etc., mas também define aspectos técnicos e logísticos, como o uso de câmera fixa ou no ombro, luz natural ou artificial, captação em etapas ou contínua, e o tamanho da equipe envolvida. A sinopse funciona como eixo orientador para toda a construção estética e narrativa (Guzmán, 2017).

Outro passo importante é a elaboração da visão original, que sintetiza a marca autoral do projeto. Essa visão se consolida na proposta de documentário, onde se delineiam os objetivos da narrativa, os sujeitos filmados, o tema central e a abordagem geral. Nessa fase, faz-se a eleição e a justificativa dos objetos

de análise, pensando nas estratégias adequadas para filmá-los com coerência ética e poética (Guzmán, 2017).

Com base nisso, simula-se a aplicação dessas estratégias e desenha-se uma possível estrutura narrativa. Ainda que o documentário esteja aberto ao acaso e ao encontro com o real, é importante que haja um esqueleto de roteiro que guie a jornada do filme. A estrutura em três atos, muito comum na ficção, também se aplica ao documentário: no primeiro ato, apresenta-se o cenário, os personagens e o conflito principal; no segundo, aprofundam-se os obstáculos e tensões; e no terceiro, chega-se a uma resolução, que não precisa ser feliz, mas deve concluir simbolicamente o percurso (Rabiger, 2012).

É nesse momento que se propõe a criação de um roteiro imaginário, construído com base em expectativas, desejos e hipóteses. Esse tipo de roteiro não busca prever a realidade, mas imaginá-la poeticamente. Ele funciona como exercício criativo, uma espécie de “texto adivinhado” que antecipa personagens ou cenas que ainda não existem, mas que o diretor acredita encontrar durante as filmagens (Guzmán, 2017).

Esse cuidado é fundamental para evitar que o documentário se transforme em uma montagem previsível e sem alma, aquilo que o autor chama de “documentário-trem”, feito por blocos lineares, com entrevistas e cenas ilustrativas, sem densidade dramática ou poética. A alternativa está em buscar sequências mais sugestivas e ambíguas, que capturem a experiência de forma sensível, mesmo que em pequenos gestos ou cenas sutis, como uma criança dialogando com o mundo ao seu redor. Ao propor essas escolhas de linguagem, prioriza-se a dimensão artística e a potência do real, evitando explicações didáticas e expositivas demais (Guzmán, 2017).

Assim, produzir um trabalho audiovisual da romaria do Divino Pai Eterno com o olhar etnomatemático, se apresenta como mais do que um registro da fé e da devoção popular: é um exercício narrativo que integra o simbolismo da peregrinação à reflexão sobre a educação formal. Ao acompanhar o trajeto dos romeiros, o documentário costura momentos de religiosidade e cultura com intervenções que exploram conceitos matemáticos presentes no percurso,

revelando que o aprendizado pode emergir do cotidiano e das experiências coletivas.

Como gravar e observar a Romaria relacionando à Matemática (Etnomatemática)

Ao registrar a Romaria, o olhar através da câmera não deve se limitar ao evento religioso em si, mas precisa estar atento às práticas, gestos, objetos, símbolos aos sons e relações que, mesmo sem serem nomeadas como “matemática” pelos sujeitos, expressam modos de pensar, organizar e agir que envolvem raciocínios matemáticos em contextos culturais específicos. A etnomatemática, enquanto abordagem que valoriza os saberes produzidos fora do ambiente escolar formal, permite identificar essas formas de conhecimento matemático presentes no cotidiano dos romeiros (D’Ambrósio, 2021).

O primeiro passo para essa observação é abandonar o olhar colonizador que busca apenas confirmar conceitos matemáticos escolares no campo (Moreira, 2025). Em vez disso, deve-se assumir uma postura sensível e aberta, que parte da escuta e da convivência com os sujeitos da romaria, observando como constroem seus percursos, como medem distâncias, organizam o tempo das caminhadas, distribuem alimentos, fazem cálculos mentais de partilha, traçam rotas, marcam locais de descanso, e assim por diante.

Essas práticas envolvem medidas, proporções, contagens, estimativas, noções de geometria e de localização espacial, entre outras ideias matemáticas, ainda que nomeadas ou percebidas de forma diferente pelos sujeitos. A filmagem deve, portanto, buscar captar os contextos em que esses saberes se manifestam, como, por exemplo, a organização dos grupos de caminhada (quantidade de pessoas, divisão de tarefas, rotas); a preparação das comidas e partilhas coletivas (proporções, pesos, tempo de cozimento); a confecção de ex-votos, estandartes, roupas e outros elementos simbólicos (formas, simetrias, medições); a construção de abrigos ou estruturas temporárias no caminho (noções espaciais, uso de materiais, técnicas construtivas) e a marcação dos

tempos e ritmos da peregrinação (dias de caminhada, tempo de descanso, ritmo coletivo).

Gravar essas situações exige atenção ao detalhe, ao gesto e ao discurso dos participantes, mas também à paisagem, ao caminho e ao movimento do corpo no espaço. A câmera pode alternar planos fechados e abertos, com registros de fala e outros sons do ambiente, mas também com momentos de silêncio e contemplação, permitindo que o saber se revele pelo fazer, e não apenas pela explicação (Barton, 2009).

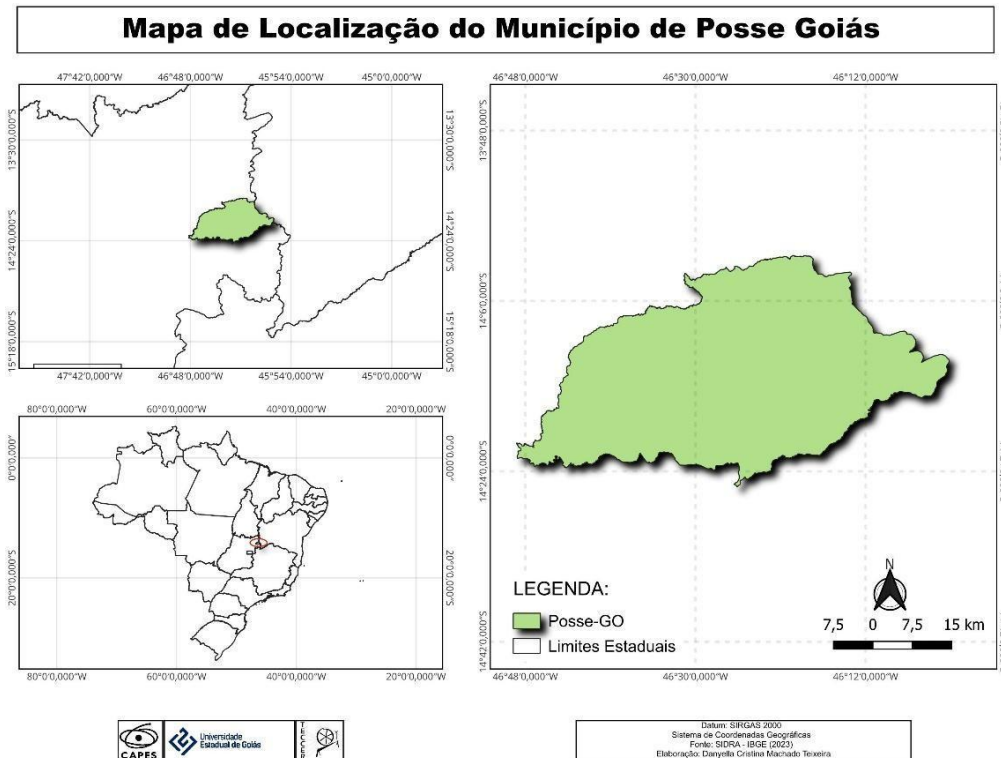
Nesse sentido, o documentário assume um compromisso com a poética do real, não como registro neutro, mas como criação sensível e ética que reconhece os sujeitos como portadores de saberes legítimos (Knijnik, 2004). A etnomatemática aqui não entra como “tradução” da cultura para o vocabulário da escola, mas como ponte para um diálogo mais horizontal entre diferentes formas de conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como parte da proposta de produção de um documentário educativo sobre a Romaria da Comunidade do Cachimbo, pode ser utilizado representações cartográficas que ajudem a contextualizar geograficamente o percurso realizado pelos romeiros. Dois mapas foram elaborados com esse propósito, podem ser incorporados ao material audiovisual e utilizados como recurso pedagógico nas áreas de Matemática e Geografia.

O mapa 1, intitulado “Localização do Município de Posse-GO no estado de Goiás e no Brasil”, tem como objetivo situar o leitor quanto à localização da comunidade no município. Essa contextualização espacial pode contribuir para uma maior compreensão do território em que se desenvolve a Romaria, destacando o papel do Cerrado como cenário e agente cultural.

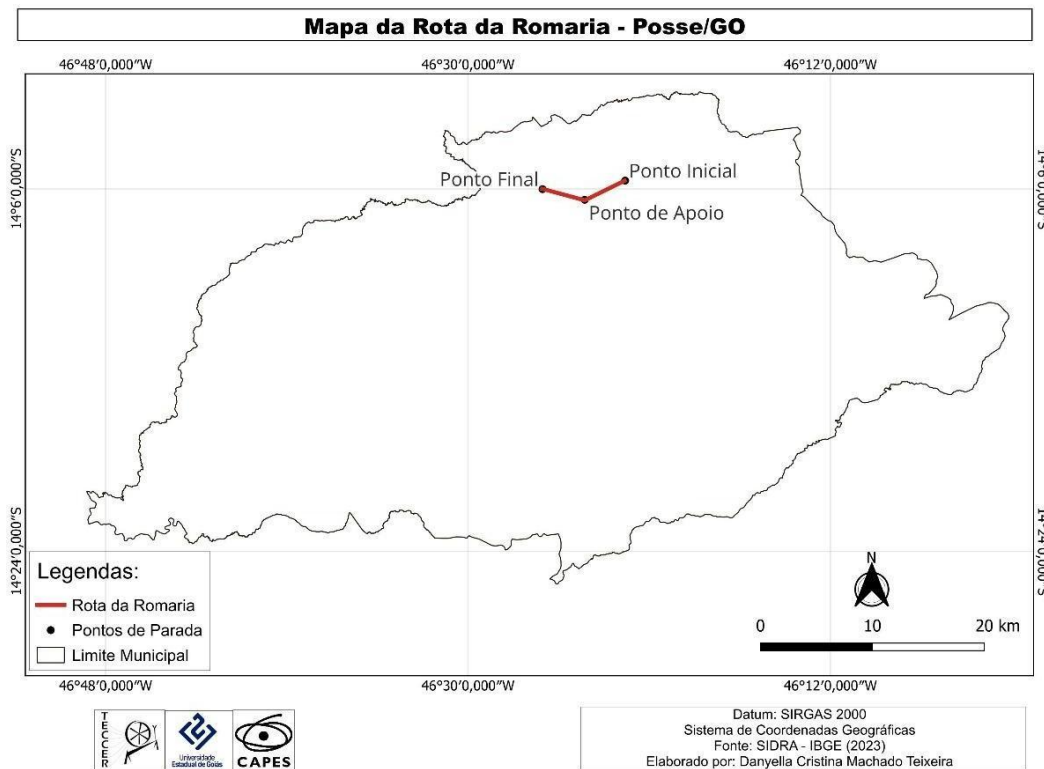
Figura 1 Localização do município de Posse - GO no Estado de Goiás e no Brasil.



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Já o mapa 2, "Mapa da Rota da Romaria-Posse/GO", representa graficamente o trajeto percorrido pelos romeiros, com destaque para pontos de parada importantes: o ponto inicial da igreja do Divino Espírito Santo; o ponto de apoio no povoado do Mirador, capela de São João Batista; e o Ponto Final na Capela do Divino pai eterno, na Comunidade do Cachimbo. A representação em mapa permite uma leitura visual do percurso, possibilitando a exploração de conceitos matemáticos como escalas, proporções, distâncias e orientações espaciais.

Figura 2 - Mapa da Rota da Romaria - Posse/GO. Fonte: Elaborado pela autora (2025).



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Esses materiais visuais poderiam ser utilizados para promover reflexões com os estudantes sobre a presença da matemática nas práticas culturais da comunidade. O documentário, ao apresentar os relatos, trajetos e práticas dos romeiros, tem potencial não apenas para registrar, mas também para produzir conhecimento sobre a romaria, revelando como noções de contagem, tempo, espaço, organização e estimativas estão presentes de forma viva e prática durante o evento. Ainda que esses saberes nem sempre sejam reconhecidos como “matemática” pela comunidade, eles representam formas legítimas de conhecimento que podem (e devem) ser valorizadas no contexto escolar, especialmente sob a ótica da Etnomatemática.

Diante do exposto, os mapas evidenciam a mobilização de conhecimentos espaciais que articulam orientação, memória e experiência do território, revelando práticas matemáticas situadas. Nesse contexto, o percurso também se configura como uma experiência sensível, em que corpo, tempo e espaço se entrelaçam na construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de produzir um documentário sobre a Romaria da Comunidade do Cachimbo se configura como uma estratégia educativa inovadora e profundamente transformadora. Combinando registros audiovisuais, narrativas pessoais e representações cartográficas do percurso, o filme pode expor como práticas cotidianas como medição de distâncias, ritmo de caminhada, divisão de tarefas e organização de grupos contêm saberes matemáticos que existem de forma sutil e enraizada na cultura comunitária. Essa abordagem ressignifica a matemática não como abstração distante, mas como um conhecimento prático e vivido.

Além disso, ao valorizar saberes locais e situados, o documentário rompe com a noção de que a matemática “pura” e universal é a única forma legítima de conhecimento (Santos, 2024). Ao evidenciar a lógica e a organização implícitas nos gestos, no planejamento e na organização da romaria, o projeto abre espaço para entender a matemática como múltipla e plural, enraizada nas experiências de um povo. Esse olhar contribui para redefinir a relação entre teoria escolar e saberes culturais, aproximando o currículo da realidade dos alunos e fortalecendo identidades coletivas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre abre caminhos e oportunidades. À família, pelo apoio constante. Aos parceiros no projeto e mediadores da disciplina de Saberes Audiovisuais no Cerrado, do Programa de Pós-Graduação em Território e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER), que tornaram possível o diálogo sobre esse tema e a construção de conhecimentos interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

BARTON, Bill. **The Language of Mathematics: Telling Mathematical Tales**. New York: Springer, 2009. Disponível em: The language of mathematics: Telling mathematical tales. Bill Barton. 2008 | Educational Studies in Mathematics | Springer Nature Link. Acesso em: 13 ago. 2025.

CASTRO, Emanuela Moura de Melo; NASCIMENTO, Kátia Romilda Silva do; SALES, Giliane Felismino; SANTIAGO, Silvany Bastos. **O uso das tecnologias digitais no ensino de Matemática numa perspectiva construcionista**. Revista Educação Pública, ano XXI, ed. 36, 28 set. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/40/o-uso-das-tecnologias-digitais-no-ensino-de-matematica-numa-perspectiva-construcionista>. Acesso em: 15 jun. 2025.

COMOLLI, Jean-Louis. **Sob o risco do real**. In: COMOLLI, Jean-Louis. Ver e poder: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 169–178.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FERNANDES, Beatriz. **O papel das Festas Religiosas na Cultura Brasileira**. *Cultura Nova Fase*, 3 jan. 2024. Disponível em: <https://culturanf.com.br/celebre-e-conecte-se-descubra-a-magia-das-festas-religiosas-brasileiras/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

GUZMÁN, Patrício. **Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

KNIJNIK, Gelsa et al. **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/67501543/Gelsa_Knijnik_et_al_2012_Etnomatem%C3%A1tica_em_movimento_Belo_Horizonte_Aut%C3%AAntica_Tend%C3%AAncias_em_Educa%C3%A7%C3%A3o_Matem%C3%A1tica_. Acesso em: 13 ago. 2025.

MOREIRA, Célia Maria Carolino Pires. **Matemática e cultura: modos de ensinar, modos de aprender**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-aprendizagem-significativa-critica-a-visao-de-moreira/86386>. Acesso em: 13 ago. 2025.

NICHOLS, Bill. **Introduction to Documentary**. 2. ed. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

PUCINI, Sérgio José Soares. **Roteiro de Documentário: da Pré-Produção à Pós-Produção**. Campinas: Papirus, 2009.

RABIGER, Michael. **Direção de documentário [recurso eletrônico]**. Tradução de Edson Furmankiewicz. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Disponível em:
file:///C:/Users/Danye/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/9788535253221_previewpdf.pdf. Acesso em: 21 set. 2025.

REIS, Jaqueline Ferreira dos. **Etnomatemática, educação matemática crítica e pedagógica dialógica-libertadora: contextos e caminhos pautados na realidade sociocultural dos alunos**. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.bc.ufg.br/teserver/api/core/bitstreams/01b001f4-e74c-45c1-96a1-7bf5215fabe4/content>. Acesso em: 13 jun. 2025.

ROCHA, Maria Lúcia Pessoa Chaves. **Matemática e Cartografia: como a cartografia pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem da matemática?** 2004. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004. Disponível em: Matemática e Cartografia: Acesso em: 13 jun. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo de ensino-aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.13, n. 39, dez. 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/swDcnzst9SVpJvpx6tGYmFr/>. Acesso em: 14 jun. 2025.